

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 32

Nº 194

JANEIRO - FEVEREIRO

2014

(Não aderimos ao acordo ortográfico)

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Calçada do Tojal, 95, s/c 1500-592 Lisboa Telefone : 217 647 441 *	Editorial	2
	Palavras de Kardec	4
	Amor & Ciência	5
	Conversando & Desconversando	9
	Soneto	14
Director Responsável : Manuela Vasconcelos *	O Colar de Pérolas	15
	Páginas do Passado	20
	A Regra Áurea	27
	Livros	30
Tiragem : 150 exemplares Distribuição Gratuita *		
Registo nº.211720 Depósito Legal Nº. 13972	*	

EDITORIAL

“Ano Novo, vida nova” – diz o povo – talvez na ideia de aliciar uns e outros a tentarem fazer melhor do que o que faziam anteriormente. Se a ideia é esta, realmente vale a pena afirmarmos que para um ano novo deve haver vida nova; agora, se não é, então o facto de mudarmos de ano, com mais ou menos euforia, com mais ou menos festas, com mais ou menos disposição para a mudança, o novo ano é apenas o virar da folhinha do calendário!

Entretanto, pensando na mudança, nas esperanças que talvez se acalentem, nos sonhos que todos desejaríamos ver transformados em realidade, porque não – para que tudo aconteça – porque não fazemos um novo programa de vida para este ano? ... irmos buscar aquilo que não conseguimos concretizar no ano findo, procurarmos, nós mesmos, melhorar-nos um pouco mais, sendo mais persistentes naquilo que sabemos ser-nos necessário, seja em qualquer pequenino vício que deva ser anulado, seja em hábitos novos a criar, como o de uma boa leitura pelo menos uma vez por semana... uma prática maior daquele mandamento que nos refere a necessidade do amor ao próximo – e o próximo do meu próximo, meu próximo é! - ... talvez, até, um pouco de voluntariado, se temos muitas horas livres no nosso dia a dia! É que “*o doce farniente*” pode saber muito bem, mas vivê-lo diariamente, intensamente, acaba por se transformar em indolência primeiro, em preguiça depois, e então, em vez de estarmos a tentar eliminar coisas erradas em nós, estamos a aumentá-las!

Lembre-mo-nos, então, que para combatermos o que pensemos de errado em nós, existem duas palavras simples que

começámos a escutar quando descobrimos a Doutrina Espírita: REFORMA ÍNTIMA. A graça do caso é que elas existem desde sempre, mas precisámos de “descobrir” a doutrina dos espíritos para percebermos o que ela significava... e se estamos na Terra e numa nova reencarnação para nos melhorarmos, comecemos no imediato a tentar essa melhoria de que todos necessitamos para podermos evoluir um pouco mais.

Pensamos que, analisada, depois, a nossa conduta, quando já a tivermos começado a praticar há alguns meses, sentir-nos-emos mais felizes pelas conquistas que começámos a fazer, dado que com o conhecimento que temos de nós mesmos, somos sempre capazes de ver o erro e a reparação do que começámos a fazer melhor. Para tal, basta apenas olharmos para nós mesmos da mesma maneira que olhamos para os outros: deixaremos, então, de ver o argueiro no olho do vizinho para vermos unicamente a trave no nosso – e esta vidência ou visão será o que nos é necessário para basearmos melhor essa... essa tal de “reforma íntima”!

Vamos tentar? Esperamos que sim! E... continuação de bom ano para todos!

A DIRECÇÃO

*

PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

41 – O Espiritismo, bem longe de negar ou destruir o Evangelho vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver tudo aquilo que o Cristo disse e fez, pelas novas leis naturais que revela; lança luz sobre os pontos obscuros de seu ensinamento, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis, ou pareciam **inadmissíveis**, as compreendem sem esforço com o auxílio do Espiritismo, e as admitem; compreendem melhor seu alcance, e podem distinguir a verdade da alegoria; o Cristo parece-lhes maior; não é mais simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42 – Além disso, se considerarmos o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que aponta a todas as acções da vida, por tornar quase tangíveis as consequências do bem e do mal; pela força moral, a coragem e a consolação que traz nas aflicções, mediante inalterável confiança no futuro; pela esperança de cada um ter perto de si os seres que amou; a certeza de tornar a vê-los, a possibilidade de confabular com eles; afinal, pela certeza de que tudo quanto se fez, tudo quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria e moralidade **até à última hora da vida** não fica perdido, que tudo aproveita ao progresso, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo com referência ao **Consolador** anunciado. Ora, como é o **Espírito de Verdade** que preside o grande movimento de regeneração, a promessa de sua vinda se acha por essa forma cumprida porque, realmente, é ele o verdadeiro Consolador.

43 – Se a esses resultados adicionarmos a rapidez prodigiosa da propagação do Espiritismo, apesar de tudo quanto

fazem para impedir esse progresso, não se poderá negar que a sua vinda seja providencial, pois que ele triunfa de todas as forças e de toda a má vontade dos homens. A facilidade com a qual é aceite por um tal grande número, e isto sem constrangimento, sem outros meios além do poder das ideias, prova que essa doutrina responde a uma necessidade, qual seja a de se crer em alguma coisa a fim de se preencher o vácuo aberto pela incredulidade e, por conseguinte, surgiu em tempo oportuno.

(Continua no próximo número)

*

AMOR & CIÊNCIA

A Humanidade está rica de Ciências, mas pobre de bons sentimentos

“Espíritas, amai-vos; espíritas, instruí-vos.”
- O Espírito de Verdade.

A bondade infinita de Deus manifesta-se em todos os tempos, lugares e horas... Ele permitiu o avanço formidando da Ciência e Tecnologia a patamares jamais imaginados há apenas alguns anos. Quantas descobertas em todos os departamentos da vida humana! Os avanços são tantos em todos os campos que mal conseguimos acompanhá-los. As novidades nas áreas da medicina, dos diversos ramos da engenharia e da electrónica, por exemplo, mais parecem “*milagres*” materializados. Isso tudo num Orbe onde o mal *ainda* se sobrepõe ao bem!... Imaginemos, agora, quantas descobertas, quantas maravilhas serão descerradas à

Humanidade quando houver mais elevação moral nas criaturas e quando o mal bater em definitiva retirada!

Não sem motivos o Espírito de Verdade enunciou estes dois importantíssimos mandamentos de luz: *amar e instruir*. Notemos que o verbo “*amar*” vem em primeiro lugar, enquanto que o “*instruir*” vem em segundo. Consoante Emmanuel, aquele que ama avança na senda evolutiva mais rapidamente do que aquele que apenas tem conhecimentos...

Lacordaire lembra-nos muito oportunamente que “*a sociedade civilizada está rica de Ciências, entanto, muito pobre de bons sentimentos*”.

Dissertando em torno do Amor e da Ciência, Emmanuel afirma¹:

“A Ciência pode estar cheia de poder, mas só o amor beneficia... A Ciência, em todas as épocas, conseguiu inúmeras expressões evolutivas. Vemo-la no mundo, exibindo realizações que pareciam inatingíveis; máquinas enormes cruzam os ares e o fundo do oceano; a palavra é transmitida, sem fios, a longa distância; a imprensa difunde raciocínios mundiais. Mas, para essa mesma Ciência, pouco importa que o homem lhe use os frutos para o bem ou para o mal. Não compreende o desinteresse, nem as finalidades santas. O amor, porém, aproxima-se de seus labores e rectifica-os, conferindo-lhe a consciência do bem. Ensina que cada máquina deve servir como utilidade divina, no caminho dos homens para Deus; que somente se deveria transmitir a palavra edificante como dádiva do Altíssimo, que apenas seria justa a publicação dos raciocínios elevados para o esforço redentor das criaturas.”

Se a Ciência descobre explosivos, esclarece o amor quanto à utilização deles na abertura de estradas que liguem os povos; se a primeira confecciona um livro, ensina o segundo como gravar a verdade consoladora. A Ciência pode concretizar muitas obras úteis, mas só o Amor institui as obras mais altas. Não duvidamos de que a primeira, bem interpretada, possa dotar o homem de um coração corajoso; entretanto, somente o segundo pode dar um coração iluminado...

O mundo permanece em obscuridade e sofrimento, porque a Ciência foi assalariada pelo ódio, que aniquila e perverte, e só alcançará o porto de segurança quando se render plenamente ao Amor de Jesus Cristo.”

Por tudo isso é que o nobre doutor tarsence escreveu aos coríntios²: “A Ciência incha, o Amor edifica”. No mesmo diapasão, Allan Kardec³ aborda o assunto:

“(…) O progresso intelectual realizado até ao presente, nas mais largas proporções, constitui um grande passo e marca *uma primeira fase* no avanço geral da Humanidade; impotente, porém, ele é para regenerá-la. Enquanto o orgulho e o egoísmo o dominarem, o homem se servirá da sua inteligência e dos seus conhecimentos para satisfazer às suas paixões e aos seus interesses pessoais, razão por que os aplica em aperfeiçoar os meios de prejudicar os seus semelhantes e de destruí-los.

“Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, restando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade... Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará caíam os preconceitos de casta e se caem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a considerarem-se irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros.

“Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos.

“A unidade da crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns, os dissidentes, vistos, pelos outros, como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados.

“(…) A geração que desaparece levará consigo seus erros e prejuízos; a geração que surge, retemperada em fonte mais pura, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo ascensional movimento, no sentido do progresso moral que assinalará a nova fase da evolução humana”.

1 – XAVIER, F. Cândido, *Caminho, Verdade e Vida*, 26ª ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2006, cap. 152.

2 – I Cor., 8:1.

3 – KARDEC, Allan. *A Gênese*, 43 ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2003, cap. XVIII, itens 18 a 20.

ROGÉRIO COELHO
(Muriaé – MGERAIS – BRASIL)

*

CONVERSANDO... & DESCONVERSANDO

Todos nós, que nos movimentamos e procuramos resolver as nossas próprias necessidades, seja através de uma consulta ou a aquisição de algo que necessitemos, todos nós acabamos por estar em contacto com uns e com outros, seja esse contacto procurado para satisfazermos o desejo que sentimos da presença de alguém, seja, simplesmente, porque à mesma hora nos encontramos, desconhecidos, num mesmo local. E esta presença, que nos leva ou obriga a “estar”, enquanto aguardamos o atendimento que se nos faz preciso, desperta o sentido de observação – e por vezes crítica – que nos incentiva a olhar as atitudes daqueles que nos rodeiam e se encontrem, talvez, numa mesma situação que a nossa: aguardando...

E destas esperas e conduta dos que nos rodeiam vem a conclusão daquilo que cada um é, daquilo que cada um se pensa, e da maneira como se pensa correcto na sociedade onde esteja inserido. Vem a manifestação de sentimentos como egoísmo, autoritarismo, e, ainda, outros “ismos” que não vamos aqui referir. O problema é que, quando “os pomos em acção”, normalmente essas atitudes demonstram o quanto não sabemos respeitar aqueles que nos rodeiam, sejam eles quem forem. Vejamos...

Há tempos atrás, na sala de espera de um consultório, enquanto aguardávamos ser chamados, nós e vários outros presentes, para uma consulta.

Esperando, também, uma criança que não teria mais que os seus 5, 6 anitos, mas irrequieta demais para a disposição e

“aceitação” de alguns dos presentes. A adulta que deveria ser a mãe, já repetira, inúmeras vezes, aquelas palavras sacramentais na boca de qualquer mãe quando o filhote, seja ele quem for, esteja mais desassossegado:

- Está quieta! Senta-te!

E a filha sentava-se mas, quase logo, voltava a levantar-se, fazendo das cadeiras combóio, falando, cantando, cortando enfim o silêncio que alguns dos adultos preferiam, talvez, àquele chilrear infantil... enquanto a mãe repetia e repetia:

- Senta-te! Fica sossegada!

De repente, uma das adultas presentes (desculpem, mas não lhe vou chamar senhora) levantou-se do seu lugar, da cadeira que ocupava, e enquanto dizia para a mãe da criança, “Quer ver como ela já fica quieta?”, abeirou-se da pequenita, agarrou-lhe as mãos, deu-lhe duas ou três palmadas em cada uma delas, determinando o “Fica já quieta”, e voltou, impávida e serena para o seu lugar, como se tivesse feito uma coisa extraordinária... e fez, ainda que pela negativa. Ficámos todos tão surpreendidos como a própria mãe da menina, que não reagiu por excesso de educação ou pela atitude que não soube classificar, e pela própria criança, que correu para a mãe, aninhando-se-lhe nos joelhos. Nós outros, olhámos uns para os outros, silenciando qualquer comentário, enquanto a interveniente radical, com uma empáfia de bradar aos céus, olhava uns e outros como se dissesse:

- É assim que se educa uma criança!

Ela não conhecia nem a mãe nem a filha; não era professora da menina nem sua ama... apenas uma estranha que estava ali, como qualquer um de nós, aguardando ser chamada.

Um outro caso.

Andamos muito a pé, no bairro onde vivemos, principalmente quando chega o momento de nos deslocarmos da nossa casa para o Centro onde colaboramos. Por vezes levamos as mãos ocupadas com a carteira, sacos e outros objectos que carregamos. Outras vezes, nem sequer a carteira usamos e vamos de mãos vazias. Já tem acontecido, nestas circunstâncias, cruzarmo-nos com outras pessoas que vão, como nós costumamos andar também... Numa desta vezes, cruzamo-nos com uma idosa: usava canadianas e, presos a elas, os sacos das compras que com certeza acabava de efectuar. Aproximamo-nos e oferecemo-nos para lhe carregarmos os sacos, informando que vivíamos ali perto e não nos custava nada tal atitude. A reacção foi grande e chegámos a pensar que só não nos bateram com uma das canadianas por estarem os sacos das compras presos em qualquer delas!

Realmente, sabemos que existem as pessoas prestáveis e aquelas que se aproximam para roubarem, mas nem o nosso aspecto é de ladra nem as palavras que dirigimos àquela irmã davam a entender que a queríamos prejudicar... voltámos a encontra-la outra vez, nas mesmas circunstâncias, voltámos a oferecer-lhe ajuda, voltámos a receber a mesma reacção... Desistimos!

Já uma vez, há uns anos atrás, quando morámos mais no centro de Lisboa, tivéramos uma atitude idêntica próximo da rua onde, então, vivíamos. A senhora recusara mas, dias depois, cruzando-se connosco, viera pedir-nos desculpa da sua atitude porque agira sem pensar, pela surpresa que o nosso gesto lhe causara...

Comparando uma e outra atitude, perguntamo-nos várias vezes porque somos assim? Porque não confiamos mais uns nos outros? Porque é que as nossas reacções têm de ser sempre negativas perante algo que nos aconteça, quando nada existe que nos leve a pensar mal de quem de nós se aproxime?

Na sala de espera do consultório, deu uma lição mais digna a mãe da criança que ficou silenciosa, embora acarinhando a filhinha e enchendo-a de beijos, que a pessoa que quis mostrar como se deve educar uma criança e que revelou para todos a sua própria falta de educação...

Esta “educação da criança” vem-nos à mente, por vezes, quando notamos o autoritarismo com que alguns pais repreendem, quando não, castigam os filhos que estão próximos. A violência com que alguns deles dão uma bofetada, apanhando os ouvidos, em riscos de rebentarem um tímpano; essa mesma violência que, outras vezes, atira com a criança ao chão, horroriza-nos. Temos encontrado jovens que se queixam da maneira como foram tratados, quando mais pequenos, pelos pais. E lamentam-se, perguntando onde está o amor que deveria existir dos mais velhos para eles, que só receberam pancada, pancada e mais pancada!

Se é certo que, por vezes, há crianças rebeldes, necessitadas de uma “repressão” maior, essa atitude não deve existir com desamor. Pensamos, nós que também fomos pais e somos avós, que pela palavra, pelo carinho, pelo amor – e quando seja necessário, com um castigo, não pela pancada – qualquer um consegue ser escutado pelos mais pequeninos e obedecido também. Às vezes, porque elas, as crianças, são grandes observadores dos adultos, aquilo que mais premente se faz e os pais não percebem, é mudarem o seu comportamento, tornando-se

pais diferentes, mas amando sempre aqueles que Deus confiou à sua guarda.

Crianças indefesas nos foram entregues e a violência com que as tratarmos gera a violência que, mais tarde, eles usarão uns para com os outros, nos caminhos que escolherem na vida.

Não pensemos, nestas circunstâncias, que se Deus permite que tal aconteça é porque elas merecem... porque Deus é amor e Jesus ensinou que pelo amor tudo conseguiremos de cada um. Aliás, não temos na “Sagrada Família” o exemplo maior de como se deve educar um filho?

Por outro lado ainda, todos nós temos direitos, sejam os mais velhos como os mais novos... e na maneira como agirmos estamos revelando o acerto ou o erro da nossa atitude. Lembrando sempre que ***a nossa liberdade acaba no limiar onde começa a do nosso companheiro***, recordemo-nos que todos nós temos o mesmo direito à liberdade, sejamos pais ou filhos, conhecidos ou desconhecidos – e usando-a estamos a dar, igualmente, a cada um o nosso respeito e a manifestação do nosso amor pelo próximo – e o próximo do meu próximo, meu próximo é também!

Seja uma criança, como um adolescente, como um adulto, respeitemos sempre aqueles que o Senhor colocou no nosso caminho, mais próximos ou mais distantes, e sejamos para cada um deles um exemplo, e não um algoz de quem todos procurarão sempre a distância e a fuga! Porque todos queremos ser amados, amemos sempre mais e mais – amemos ainda que em troca de nada, se for o caso, e o tempo fará o resto!

MANUELA VASCONCELOS



SONETO

“Quando cobrir-se o chão de folhas mortas
- meu coração dizia em grave entono –
Extinguindo-se a vida que comportas,
Dormirás no meu seio o último sono...”

E murmurava a alma – “Findo o Outono,
A primavera vem por outras portas;
Não existe no túmulo o abandono,
Ou a dor amarga e rude em que te cortas.”

Escutava essas vozes comovido,
Morto de angústia, morto de incerteza,
Aguardando o sol-posto, entristecido;

E além da amarga vida de segundos,
Ressurgi da tortura e da tristeza,
Sob os ares sadios de outros mundos!

ANTÓNIO NOBRE

(In: PARNASO DE ALÉM TÚMULO, psicografia de Francisco
Cândido Xavier).

O COLAR DE PÉROLAS

Técnica Interpretativa

“(…) no imenso conjunto de ensinamentos da Boa Nova, cada conceito do Cristo ou de seus colaboradores directos, adapta-se a determinada situação do Espírito, nas estradas da vida.”¹

O método exegético hebreu conhecido como *harizah* (colar) representa uma síntese de toda a mentalidade semítica, em especial a hebraica, por revelar os matizes e finuras de expressão da língua, a concepção das Escrituras adoptada pelo povo hebreu, sua relação com os textos sagrados, bem como sua maneira peculiar de abordar e compreender os factos. Em continuidade ao artigo anterior,² nossa proposta será aprofundar o estudo desta técnica interpretativa, descobrindo seus objectivos e sua metodologia.

No mundo antigo, quase toda leitura, pública ou privada, era feita em voz alta, ou seja, os textos eram frequentemente convertidos para o modo oral. Em decorrência disso, os autores da época escreviam tanto para o ouvido quanto para os olhos. Naqueles tempos, a palavra falada reinava soberana, ao passo que o texto ocupava papel secundário.

Platão menciona em sua obra *Fedro* (274c-275) a advertência de Sócrates contra a substituição das tradições orais pela palavra escrita, porque as pessoas deixariam de usar a memória.

Nesse contexto, não é difícil entender que, para os hebreus, as Escrituras eram palavras, frases ditadas pelo Todo Poderoso ao

profeta, no Monte Sinai. Moisés, por sua vez, após escutar todas as instruções, foi incumbido de registá-las. A porção ditada era conhecida como *Torah Oral*, enquanto o registro em pergaminho (rolo) era conhecido como *Torah Escrita* (Pentateuco).

Num sentido mais amplo, a *Torah Oral* é manifestada por qualquer pessoa capaz de viver seus preceitos. Aqui, oralidade vai muito além de simples palavras, englobando actos, comportamentos, pensamentos, vivência. Com esses esclarecimentos, entendemos por que as pessoas que exemplificavam os textos bíblicos eram vistas como um rolo de *Torah*:

Quem fica ao lado de um moribundo, no momento em que este entrega sua alma, deve rasgar a sua veste. Por quê? Porque isso (moribundo) é semelhante a um rolo de *Torah* que é queimado... não há ninguém em Israel que seja vazio, que não tenha nem *Torah* nem mandamentos... (*Talmud Babilónico*, Shabbat 105b).

Esse modo completamente diferente de enxergar a *Torah* (Pentateuco) tem implicações profundas na forma como o hebreu estudava os textos bíblicos, o que gerou o método conhecido como *harizah* (colar), que visava reconstruir, pela interpretação, a unidade e a coerência com o texto escrito.

O objectivo desse método é, assim, salientar a unidade e a coerência das Escrituras, ou melhor, reconstituir essa unidade, uma vez que, por ser a “palavra de Deus” revelada a Moisés no Sinai, deve reflectir a unidade e a coerência do próprio Criador. O colar (*harizah*) permite, realmente, voltar à unidade da revelação divina, tal como saiu dos lábios de Deus, consoante o simbolismo dos textos bíblicos.

Considerando-se que a revelação foi dada a Moisés de forma oral, os livros representam apenas um fragmento do que foi ensinado. Nem tudo foi escrito, o texto não diz tudo, a sociedade progride, os costumes mudam. Assim, como actualizar p texto, adaptando-o aos novos tempos? Utilizando o método interpretativo “Colar de Pérolas”.

O colar tem a forma geométrica do círculo, sugerindo que o hebreu rodeava o objecto, dando uma volta completa em torno dele, a fim de enxergar todos os aspectos, todos os ângulos. Na prática, seleciona-se um tema, como fé, vida, morte, entre outros e, em seguida, coletam-se diversos versículos que tenham relação com aquele assunto, sobretudo aqueles que apresentam contradições aparentes. Uma vez selecionados os versículos, procura-se enxergar o tema de cada um deles pelos diversos ângulos sugeridos. Ao final do estudo, o intérprete terá uma visão ampla, profunda.

Inegavelmente, Allan Kardec utilizou esse método para compor o livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, já que selecionou temas de relevo, como título de cada capítulo, para depois escolher passagens evangélicas relacionadas com o tema principal. Feito o trabalho de selecção, o Codificador inicia a interpretação com vistas à aplicação daqueles ensinamentos na própria vida, senão vejamos:

Para obviar a esses inconvenientes, reunimos, nesta obra, os artigos que podem compor, a bem dizer, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações, conservamos o que é útil ao desenvolvimento da ideia, pondo de lado unicamente o que não se prende ao assunto. (...) Em vez, porém, de nos atermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real para o caso, agrupamos e classificamos metodicamente as máximas, segundo as respectivas

naturezas, de modo que decorram umas das outras, tanto quanto possível. (...)

(...) O essencial era pô-lo ao alcance de todos, mediante a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos a todas as condições da vida. (...) ³ (Destques nossos.)

Conjugando as afirmativas do Codificador com as palavras do benfeitor espiritual Emmanuel, no início do artigo, concluímos que o objectivo do método interpretativo denominado colar (*harizah*) é extrair do texto a essência da mensagem, com vistas à sua exemplificação, de modo a nos tornarmos “rolos vivos” da *Torah*, na linguagem hebraica, ou, “cartas vivas do Cristo”, na linguagem cristã.

Segundo a tradição, a esposa bem-amada do Todo Poderoso era a nação hebraica, por ser o único povo monoteísta da época. O Colar de Pérolas era um presente recebido do adorável esposo e simbolizava a Lei divina revelada no Monte Sinai. Não apenas um texto frio, um rolo de pergaminho, cuidadosamente grafado, mas a expressão do desvelo, do amor, do cuidado do Criador, que orienta seus filhos com vistas ao progresso espiritual.

O método exegético conhecido como *harizah* torna possível transcender a letra fria, permitindo que a “voz” de Deus penetre em nosso coração, orientando nossos passos, em cada pormenor da jornada, exigindo do intérprete alta dose de sensibilidade moral, pureza de intenções, e um sentimento vivo, rico em amor ao próximo.

É o que regista Humberto de Campos, ao relatar a conversa de Jesus com Nicodemos:

- Primeiro que tudo, Nicodemos, não basta que tenhas vivido a interpretar a lei. Antes de raciocinar sobre as suas disposições, deverias ter-lhe sentido os textos. (...) ⁴

1 – XAVIER, Francisco C., *Caminho, Verdade e Vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 3, reimp. Brasília: FEB, 2012. *Interpretação dos textos sagrados*, p. 14.

2 – Publicado na edição de Julho, p. 5 (243).

3 – KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, trad. Guillon Ribeiro, 131 ed. 2 reimp. (Edição Histórica), Brasília: FEB, 2013. *Introdução*, it. 1.

4 – XAVIER, Francisco C., *Boa Nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos, 36 ed., 7. Imp Brasília: FEB, 2013, cap. 14.

HAROLDO DUTRA DIAS

(In: Revista Espírita Brasileira REFORMADOR, da Federação Espírita Brasileira, Setembro de 2013).



“Um só mandamento vos deixo: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei.” – JESUS



PÁGINAS DO PASSADO

Espírito e Matéria

“Tudo quanto existe no Universo está penetrado por um princípio único: a Alma que anima a matéria e se mistura com esse grande corpo.” – ENEIDA, Canto VI

Espírito e matéria! Manifestações fenoménicas do Universo! As raízes ou origens de ambos são eternas.

Os livros sagrados da Índia chamam à forma ou Matéria, *Maya* ou ilusão. De facto, a matéria é o véu que envolve o espírito que é a vida, ou realidade.

A ciência oficial procura na Matéria a origem da vida, mas ainda não conseguiu demonstrar que a imortalidade da alma é uma credence própria de ignorantes. Algumas escolas de filósofos e cientistas desde Berkley, no século XVII, e depois Augusto Conte, Littré, Berthelot, Claude Bernard e, por último, Poincaré, no século XIX, afirmam que o cérebro é a vida.

Em Portugal, o Dr. Luiz Cebola, afirmou que – “A História da Humanidade é a História do Cérebro Humano”. E realmente, “o valor extraordinário do cérebro” declarou que – “a ignorância absoluta das suas funções superiores levou os primeiros sacerdotes a urdirem uma fantasia, para explicarem o pensamento do Homem e chamarem “Alma”, “Espírito”, ao que é simplesmente o produto do trabalho assaz completo dessa máquina maravilhosa.” Este cientista pertence à escola materialista que procura e espera encontrar a origem da vida na ponta dos seus escalpelos! Até

agora isso nunca aconteceu, nem jamais acontecerá, visto que o cérebro é somente o órgão do pensamento porque a *vida mental* vai além da vida cerebral, como vemos noutros artigos. Querer concretizar a vida no funcionamento do cérebro é demonstrar plena ignorância do mundo exterior ou Mundo Cósmico, de que o cérebro tem funções de transmissor.

O que é o Espírito? E o que é a Matéria? Na realidade, não sabemos qual a sua constituição. Em essência, sabemos que o Espírito é eterno porque é a essência de Deus, e a Matéria Deus manifestado no plano físico. O Espírito é a Vida que perdura eternamente, e a Matéria ao contrário é o transitório, sujeito à morte, fenómeno que ocasiona a sua destruição pela decomposição química natural. O Espírito Eterno é a essência de Deus, e a Matéria Deus manifestado no plano físico, não só nos nossos corpos como em todas as outras manifestações materiais, por isso se diz vulgarmente que Deus está em toda a parte.

A medicina considera ainda a matéria como uma pura abstracção. Os sábios observam-na como um agregado de átomos e de células; estas são constituídas por verdadeiras multidões de seres vivos policelulares ou microscópicos. Os átomos são considerados como centros de forças sem nenhuns laços materiais, mas sendo centros de energia. Neste ponto está a ciência moderna oficial; verifica, apenas, as manifestações da vida designando-as por *energia*. É a última palavra da ciência.

É certo que a matéria revela energia mas não é ela que a mantém e lhe dá vida. Bem pelo contrário; essa energia emana da vida que anima a matéria. Donde provém então esse elemento energético? Se tudo tem uma origem, donde vem essa força? Reside aqui o ponto nevrálgico que criou a discórdia entre a ciência espiritualista não oficializada e até perseguida, motivo

porque veio até nós com a designação de Ciência Oculta. Que explicação nos fornecem os sábios oficiais sobre esse importantíssimo elemento que é a energia ou força vital?

Espiritus ou anima Ihe chamou Santo Agostinho, esse grande filósofo espiritualista. De facto, é a alma que anima o corpo, a sua própria definição bem o afirma – alma – de anima, princípio de vida, do verbo *animar* – o que anima ou movimenta. É esta a base da Ciência Espiritualista, ensinada desde a mais remota antiguidade.

Perguntarão, de certo, os mais cépticos: os animais e as plantas também têm alma? Não nos resta a menor dúvida que assim seja, mas o reino animal e o vegetal possuem “almas” em embrião. Os próprios minerais também são animados por essa energia, visto que eles se desenvolvem e envelhecem, manifestando sensibilidade – portanto, vivem dentro do princípio cósmico – ou alma universal.

No reino hominal esse princípio atinge o seu máximo desenvolvimento com a posse da consciência ou partícula divina, que distingue o ser humano dos outros animais. É curioso frisar o facto de certos animais, como os cães e os cavalos, terem demonstrado, por vezes, possuírem mais consciência que muitos seres do reino hominal. Estes factos explicam-se facilmente pela fase da transição – o animal atingindo o seu apogeu evolutivo, e o homem entrando no seu início espiritual; o cão ao terminar a sua manifestação no reino animal, e o homem ao principiar as suas encarnações humanas. Mais um caso que confirma o axioma de que os extremos se tocam: o animal tendo as manifestações humanas, e o homem dando ainda provas de animalidade.

No nosso século, mantêm-se ainda acesas as polémicas entre materialistas e espiritualistas, e, o que é pior ainda, entre estes e os fanáticos dogmáticos de certas religiões, como a católica.

Afinal, a alma o que é? Também o não sabemos de maneira exacta, da mesma forma que ninguém ainda definiu com precisão o que é a electricidade – fluído de origem física que todos conhecemos pelos seus efeitos, mas que nenhum cientista, até hoje, conseguiu analisar num laboratório, pesando-a, medindo-a, decompondo-a. O mesmo acontece com a alma. Basta-nos, por momento, contentarmo-nos em reconhecer que esta é a essência, e a outra, uma força do Universo. Digo *basta-nos*, porque no estado actual das sociedades, é quase um crime estudar a alma e as suas manifestações que nos obrigam ao turbilhão das reencarnações, rodopiando em torno da grande espiral da evolução que conduz à Perfeição ou a Deus – ponto de partida e meta do espírito, o que nos prova que os extremos se tocam – princípio e fim - desde o nascimento do espírito até ao seu apogeu ou Perfeição. A nossa evolução anímica está submetida a este incessante movimento de Vida, porque ele caracteriza o próprio Universo.

Não podendo penetrar na origem das coisas – Matéria e Espírito – observemos os seus fenómenos. Teremos certamente provas da existência dessa força energética à qual tudo obedece como princípio animador. Tudo que no mundo existe, forma uma cadeia, um Todo Portentoso.

Sendo o homem uma partícula de Deus, ele contém em si o reflexo desse Todo, que é a divindade. Começa aqui a auto-análise, problema complicadíssimo que poucos, infelizmente, conseguem abordar, por falta de preparação ou cómoda preguiça mental. Percorrer a longa trajectória que liga o mundo finito ao

mundo invisível não é tarefa fácil. Estudar os fenômenos que nos provam a *nossa verdadeira existência* é, ainda hoje, sobretudo entre certos povos, empresa de Titãs, tão grande é ainda a ignorância humana. O homem, mesmo o sábio, perde-se muita vez ante os enigmas que encontra para decifrar, tão grandes são os problemas da ciência espiritual. Perante ela, o mais reputado cientista é como uma criança que apenas conhece o alfabeto, o que levou certo sábio a dizer que quanto mais sabia, mais sabia que não sabia.

Os sábios, os estudiosos e os experimentadores espiritualistas chegaram a esta conclusão fornecida pelos seus próprios estudos: - que a Ciência de Deus é infinita e que dela faz parte a nossa própria alma. Feito este primeiro raciocínio, fica-nos depois o imenso campo de observação com que a natureza se nos apresentou, com um extraordinário laboratório composto de infinitos elementos de estudo.

As forças subtis da natureza, a constituição do homem, a grande cadeia da Criação, constituem matéria para longas e profundas meditações. Não me restam dúvidas que quanto mais crente é o indivíduo que estuda, e quanto mais afastado se encontra dos dogmas científicos e religiosos, mais rapidamente sobe a grande escada ascensional das verdadeiras descobertas espirituais, no campo da ciência una. Neste caso deve estar o verdadeiro espiritualista, que conseqüentemente tem de ser eclético. Deste modo, ele sabe desenvolver o sentimento religioso, dentro dos moldes da religião natural e intuitiva.

Dentro do Neo-Espiritualismo o homem e a mulher têm diante de si vastos e variados caminhos que lhes facilitam seguir, segundo os seus temperamentos, os progressos das ciências da natureza, da alma e do coração. Desde que estes desejos sejam

sinceros, todos podem desenvolver as suas faculdades; o sentimental como o cerebral, o curioso como o estudioso.

Em épocas primitivas, quando o homem era quase um animal lutando corpo a corpo com as feras, nessas épocas longínquas, ignorava ele que possuía em si o Espírito Eterno. Mas os seres das actuais raças civilizadas, já estão em condições de penetrar no estudo dessas forças e, em poucos anos, disso estou convencida, grandes e deslumbrantes descobertas virão revolucionar os princípios científicos actualmente existentes. Muitas dessas descobertas já são uma realidade, mas, infelizmente, não estão ainda aplicadas sob o benéfico impulso das forças brancas da ciência espírita, por esta não estar ainda oficializada.

Na realidade, os mistérios não existem, porque Deus não oculta a Sua Obra; ela está bem patente em toda a sua magnificência. A palavra “mistérios” significa quase sempre ignorância, ou atraso espiritual, pois que muitas vezes se verifica que pessoas analfabetas mas de alma evoluída, apercebem a Divindade e compreendem as suas Leis.

Os grandes iluminados não nos falam de mistérios, mas da Verdade ou realidade de Deus como essência e manifestação cósmica. Por isso Huxley disse que “nada de grande foi jamais feito pelo homem no Campo da Ciência, por maior que tenha sido o seu poder, sem o auxílio do divino influxo do pesquisador da Verdade.” É ela a divina inspiração que em nós se transforma em notas harmoniosas, em verdadeiras sinfonias que nos entusiasma impelindo-nos para belas empresas em busca de luz, que é o conhecimento das leis que nos regem. Luz e Verdade são sinónimos porque as suas belezas de infinitos cambiantes embriagam aqueles que as sentem e as compreendem. Os espíritos ainda fracos devido ao seu atraso não compreendem estas duas

facetas da divindade, sem as quais não poderíamos progredir. Contudo, é este o nosso mais veemente desejo, porque sem o progresso espiritual nunca poderemos ser felizes, e a ânsia de felicidade é condição natural de todos os seres, em especial do homem.

A felicidade material é relativa, e só a felicidade espiritual é infinita, pois se mostra sempre com a mesma excelsa beleza a todas as almas que a conquistam pela Bondade, que as aproxima da perfeição. Para possuir a felicidade, todos nós, mulheres e homens, procuramos alcançá-la numa ânsia febril, empregando os nossos maiores esforços. Infelizmente, muitos enganam-se no caminho, e por essa razão não conseguem usufruir as suas deliciosas e mesmo celestiais riquezas. Para chegar a esse ponto culminante do nosso progresso é necessário estudar muito, e sofrer ainda mais. Estudando, meditando e sofrendo, tal foi a própria existência de Jesus.

É esse, portanto, o caminho que todos temos de percorrer, uns mais do que outros. É para esse fim que se faz a nossa passagem pela Terra, na luta do Espírito com a Matéria.

ADELAIDE YVONE DE SOUSA

(In REVISTA DE METAPSICOLOGIA da Federação Espírita Portuguesa, Maio de 1949. Adelaide Yvone de Sousa fez parte dos primeiros Corpos Sociais da FEP, em 1926, fazendo palestras na capital e noutras cidades portuguesas).

*

A REGRA ÁUREA

SEGUNDO AS DEZ GRANDES RELIGIÕES DO MUNDO

CRISTIANISMO:

...”Tudo quanto queres que os outros façam para ti, faze-o também para eles...”

CONFUCIONISMO:

“Não faças aos outros aquilo que não queres que eles te façam.”

BUDISMO:

“De cinco maneiras um verdadeiro líder deve tratar seus amigos e dependentes: com generosidade, cortesia, venevolência, dando o que deles espera receber e sendo tão fiel quanto à sua própria palavra.”

HINDUÍSMO:

“Não faças aos outros aquilo que, se a ti fosse feito, causarte-ia dor.”

ISLAMISMO:

“Ninguém pode ser um crente até que ame o seu irmão como a si mesmo.”

SIKHISMO:

Julga aos outros como a ti mesmo julgas. Então, participarás do Céu.”

JAINISMO:

Na felicidade e na infelicidade, na alegria e na dor, precisamos olhar todas as criaturas assim como olhamos a nós mesmos.”

ZOROATRISMO:

“A Natureza só é amiga quando não fazemos aos outros nada que não seja bom para nós mesmos.”

TAOÍSMO:

“Considera o lucro do teu vizinho como teu próprio e o seu prejuízo como se também fosse teu.”

JUDAÍSMO:

“Não faças ao teu semelhante aquilo que para ti mesmo é doloroso.”

*

A nossa curiosidade leva-nos a ler todas as letrinhas que surjam sob os nossos olhos... e foi assim que, um dia, há já alguns anos, encontrámos esta “Regra Áurea” que, tanto quanto sabemos, acompanhava a edição de um dos livros do Espírito Ramatis. Copiámo-la e, hoje, porque voltou a surgir quando consultámos

um dos livros de que necessitámos para o nosso artigo, desta vez caindo do meio das páginas daquele livro e entendemos transcrevê-la aqui. Porquê? Talvez porque nunca seja de mais lembrarmos que, na base de todas as religiões, ocidentais ou orientais, encontra-se sempre DEUS e a Sua Lei – e todas elas, cada qual à sua maneira, referem aquele segundo Mandamento que nos recomenda AMA O TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO, significando que, em qualquer circunstância, não devemos fazer aos outros aquilo que não queremos que os outros nos façam! É da Lei... e a Lei, como nos esclarece a resposta à pergunta nº. 621 de “O Livro dos Espíritos”, **está escrita na (nossa)consciência.**

Pensamos – nesta época de transição e *crise* que vivemos – que se cada um a “lesse” e recordasse melhor, todos nós poderíamos fazer mais pelos nossos companheiros do caminho... Quantas e quantas vezes aquilo que acabou por ser apenas um pedaço de lixo, se conveniente e atempadamente partilhado, teria levado um pouco mais de conforto a quem passe por necessidades maiores?

Neste começo de um novo ano, vamos então pensar um pouco mais nos nossos irmãos carentes, por um e outro motivo, e vamos, calma mas cristãmente também, vivenciar um pouco melhor aquele segundo Mandamento que existe, afinal, não apenas para nós mas para toda a Humanidade... Vamos lembrar, com uma frequência sempre maior, que “o próximo do meu próximo meu próximo é” e vamos olharmo-nos todos – mas todos – como verdadeiros irmãos! Vamos terminar, nos locais onde estivermos inseridos, com a *crise* que, sendo também política, começou pela falta de amor entre uns e outros. Que seja o Amor de cada um de nós, a terminá-la!

MANUELA

LIVROS

Há uns meses atrás cedemos à Federação Espírita Portuguesa as nossas obras “MEP – Tentativa histórica do Movimento Espírita Português, de 1900 a Fevereiro de 2004”, logo seguida daquela outra de chamámos ALGUNS VULTOS DO MOVIMENTO ESPÍRITA PORTUGUÊS, com a qual quisemos dar a conhecer algumas das figuras daqueles que, com a sua fé, arrostaram com os preconceitos da época sem peias de qualquer espécie semeando para nós outros, parte do plantio que viemos, depois, encontrar.

No ano findo saiu uma edição única das duas obras, num volume com 518 páginas e mais três, depois, com a relação dos Centros Espíritas existentes na data – e o livro está lindo e com uma apresentação bem diferente daquela outra de quando fôra editado em xerox!

Não somos escritora, embora “nos corra nas veias” o bichinho da escrita – mas entendemos importante que cada um, Espírita e Centro ou Grupo, conheça como tudo começou aqui, no nosso Portugal... e como agora, já do lado de lá, chegam até nós alguns daqueles vultos que continuam a amar o País onde nasceram e viveram, para nos incentivarem a continuarmos a lançar a mesma semente que um dia caiu em nós, nos nossos corações, floresceu e deu fruto. É o caso de Luiz Vaz de Camões, que recordamos em dois poemas que constam do nosso primeiro livro.

Ainda em 2012, e continuando pelo ano findo, escrevemos três livros para os mais pequeninos, havendo já um quarto que se encontra no prelo. O primeiro, UMA ESCADA PARA O CÉU,

ensina o comportamento que se deve ter, num encontro entre duas crianças – uma, mais ou menos sã e outra habituada ao erro e que nada faz para se modificar. Com a lei da reencarnação, que o Senhor nos concede a todos, ela vai adquirindo o conhecimento que existe para todos, mas experimentando também o perigo, com a droga que vê os outros usarem e resolve experimentar, para não ficar atrás de quem a emprega. Uma overdose quase acaba com a sua existência carnal mas, recuperada, segue em frente... com os conselhos amigos dos familiares que a amam.

O segundo, TERESINHA E OS BALÕES, é uma viagem imaginária, porque realizada em sonhos, onde, em cada obstáculo do caminho, a viajante encontra uma das advertências que já ouviu nas reuniões do Centro Espírita que frequenta com a mãezinha.

O terceiro, O MENINO TREME-TREME, é dedicado, indirectamente, a todos os gulosos e aos pais que fazem as vontades aos seus filhos, julgando que agem, assim, da melhor maneira. O TREME-TREME, pela sua gulodice desenfreada, fica doente, torna-se diabético, entra em coma... e os pais recebem do médico que o assiste a lição maior de como se deve educar um filho; e quando, ao fim de muitos meses, ele volta finalmente ao colégio, a sua própria modificação faz que encontre em cada coleguinha um amigo que o festeja, conjuntamente com os próprios professores.

Estes três livrinhos estão muito enriquecidos com os bonecos, da autoria do Irmão algarvio Jorge Timóteo, pintor com várias obras expostas, de que conhecemos algumas, qual delas a mais bela.

A obra no prelo chama-se A MAIS BELA DE TODAS AS HISTÓRIAS, e, como não podia deixar de ser perante o título, é

dedicada a Jesus. Não surgiu no Natal findo porque o computador “resolveu” pregar uma partida ao Jorge, e o seu trabalho perdeu-se todo... mas há-de aparecer!

Não costumamos referir aquilo de que falamos ou escrevemos, porque não gostamos de falar de nós mas, neste caso, resolvemos fazê-lo porque entendemos que qualquer um dos livros pode ser um primeiro ensinamento para uma criança – e é sempre uma ajuda, seja para a Federação Espírita Portuguesa como, também ou ainda, para a COMUNHÃO, que os tem, igualmente, à venda. O preço é quase simbólico, dada a qualidade de cada edição: apenas, sete euros e meio Quanto ao MEP e ALGUNS VULTOS, pensamos que o valor do mesmo não paga, sequer, o papel usado para a edição: são doze euros e meio... e adquirir um ou qualquer dos outros, é uma maneira simples e agradável de se ajudar a Casa-Mãe do Espiritismo - a nossa Federação! – que, desejando facilitar a aquisição de livros da Doutrina, num esforço inaudito, começou a editar, desde o ano findo, não só toda a Codificação, como a obra de André Luiz, e vários títulos de Divaldo Pereira Franco, Ivone do Amaral Pereira e Emmanuel. Outros autores se seguirão mas, para que tal aconteça, é necessário que todos correspondamos, adquirindo as edições portuguesas.

M.

“Um livro que mereça ser lido também merece ser comprado – e um bom livro rasga sempre, ao seu leitor, horizontes novos, transmitindo conhecimento e realidades que, muitos nem sequer imaginavam existir. Um bom livro é sempre UM BOM AMIGO.”

